



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

Autorização DE0032207CE



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

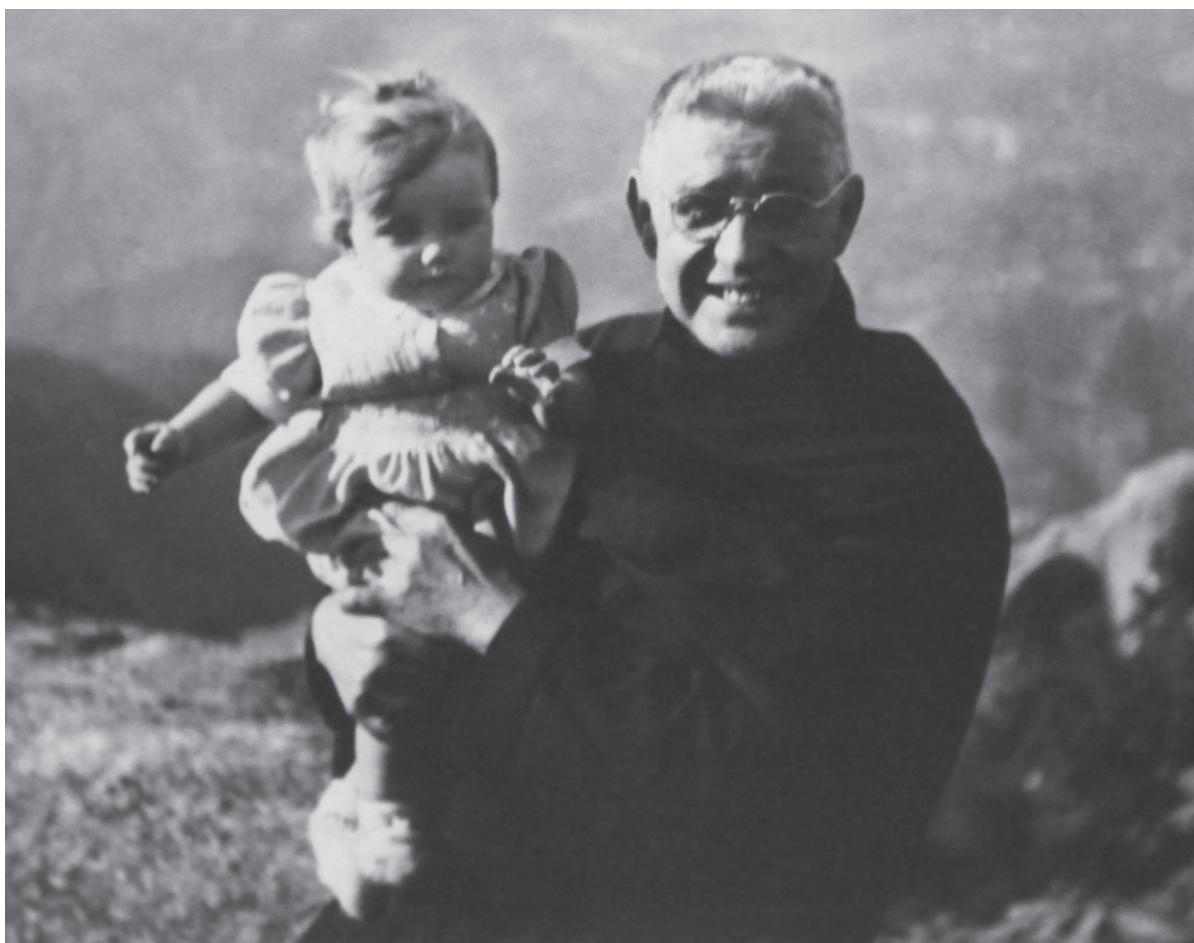
23 de Outubro de 2021 • Ano LXXXVIII • N.º 2025
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



DA NOSSA VIDA

Pai Américo

CORRIA o ano de 1887. Em 23 de Outubro desse ano nascia Américo Monteiro de Aguiar. Cerca de seis décadas mais tarde, com a aglutinação de Pai, o seu nome passou a traduzir o sentir dos seus muitos filhos adoptivos e de muitos admiradores devotos, confirmando-o na plena realização da sua vocação: Pai Américo.

O apelido de sua mãe, Rodrigues, não ficou registado no seu, como muitas vezes acontecia nesse tempo. No entanto, mais tarde, chegou a usá-lo na sua matrícula no Instituto Comercial e Industrial do Porto. Num tempo em que era muito pouca a assistência médica disponível, foi sua mãe que encontrou o remédio para que o pequeno Américo, com 3 anos de idade, vencesse uma pneumonia que o invadiu

nesse Inverno rigoroso. Os tempos, meios e costumes eram tão diferentes dos de hoje!

Ele era o mais novo de 8 irmãos. Famílias grandes, escassez de recursos materiais, dificuldades a vários níveis, era o ambiente social em que nasceu e viveu, o que não o levou, ao invés da tendência de hoje, para o isolamento e egoísmo; pelo contrário, abriu o centro dos seus interesses em colmatar, remediando, as injustiças que via.

Foi assim que na sua vida, despontou um ideal humanista projectado no carácter sobrenatural do homem, no qual veio a implicar toda a sua vida: amar o seu semelhante, com predileção pelos Pobres, porque nestes descobria e recebia as mais sublimes riquezas.

Inebriado por este ideal, «não tinha tempo para perder tempo», como disse. A um ritmo alucinante, foram ganhando corpo as suas inspirações de bem fazer: Colónias de Praia e Campo, Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios, Casas do Gaiato, Património dos Pobres,

Calvário. Foram 27 anos intensos, tantos quantos os da sua vida de padre, carregando os bens necessários para a concretização desta Obra com multifacetadas feições, mas com um denominador comum: dar pão que é alegria, esperança e novos horizontes aos desvalidos, e outro tanto aos que não carecendo de pão para a boca, careciam de alimento para o espírito.

Por fim, o fim último de todo este labor: levantar a dúvida aos que não acreditam em Deus e dar mais alegria aos que acreditam. Foi este o seu propósito desde o início desta nova vida: «Hoje, porém, vejo a verdade e quero convencer os que deixei. Com argumentos? Inútil. Como então? Subindo para que me vejam. Subir como? Desprendendo-me do que tenho e do que sou.»

Na celebração do seu aniversário de nascimento, 134 anos volvidos, todos nos alegramos com Obra que, pela graça de Deus, criou e fez desenvolver. E também pelo testemunho e luz que ela foi e continua a ser para a vida de uma imensa multidão de pessoas que dele bebem o sentido mais enriquecedor e feliz da vida. Grande é a abundância de frutos da sua vida, e entre eles podemos contar os milhares de rapazes que cresceram e se fizeram homens integrados e construtores da sociedade do seu tempo.

Parabéns Pai Américo com a nossa gratidão.

Padre Júlio

MALANJE

O Padre Alfredo já se encontra entre nós, em Malanje. Foi em 2017 que, sendo Reitor do Seminário, veio a estas terras de visita e se hospedou em nossa Casa; hoje fá-lo como padre da Rua... e não posso ocultar a minha alegria! Como já sucedeu com Padre Fernando, temos a grandíssima responsabilidade de acolher e partilhar a simplicidade da nossa vida, com suas luzes e suas sombras, suas alegrias e seus sofrimentos. Suponho que, como a mim me sucedeu, lhe irão surgindo uma imensidade de dúvidas e desafios. E suponho que também se irão ultrapassando, à medida em que cresça a confiança e se superem as dificuldades. Tudo está em contínuo movimento e nada está estático, a não ser na nossa mente... Isto mesmo se passa no nosso mundo e também está acontecendo na nossa Obra.

Como o Apóstolo Paulo teve a capacidade de tirar da terra a semente do Evangelho, limpá-la de todo o resto, guardá-la no seu interior e, depois, colocá-la numa nova terra, tempos e culturas para germinar e renovar-se

com toda a sua beleza e actualidade... assim nós temos esta grande missão que não devemos ignorar; e a entrada de cada Padre nos recorda...

É tempo de aprender, partilhar... andar juntos de igual para igual. Aqui não há mestres, pois já temos um que se chama Jesus. Só há um projecto que Ele pôs nas mãos do Padre Américo e agora está nas nossas: uma Obra dos Pobres, para os Pobres, pelos Pobres... O resto são meditações. O importante é que os Pobres tenham visibilidade, que os não só Pobres sejam evangelizados, como também, através desta Obra, nos evangelizem. Não é uma Obra só dos que estão dentro, é uma Obra que caminha pensando que muitos, sendo desta família, ainda estão fora... uma Obra de Portas Abertas que não deve fechar nunca a sua mente e o seu coração de mãe, e que continua a sofrer por aqueles que ainda não regressaram a Casa.

Desde Malanje, uma oração de graças pelo Padre Alfredo, para que nos ajude a levar a bom termo a Obra que o nosso Bom Deus começou no Padre Américo e continua connosco.

Padre Rafael

BENGUELA – VINDE VER!

Doutrina

O substantivo doutrina designa os fundamentos e/ou ideias que, por serem essenciais, devem ser ensinadas. Também se entende por preceitos básicos que compõem um sistema (religioso, político, social, económico etc). É ainda um Sistema que uma pessoa passa a adoptar para gerir a sua própria vida; norma, regra ou preceito. É o conjunto do que se utiliza para ensinar. Ensina-se e aprende-se a Doutrina na escola, na igreja e em outros centros académicos.

Aconteceu que estando em comunidade a rezar o terço a hora marcada no meio dos rapazes, ouviu-se tocar o som do telefone. Era o padre formador do seminário a comunicar que os seminaristas já estavam prontos para o início da catequese na nossa casa. No final da oração dei a notícia aos rapazes e grande foi a alegria de todos pelo início da formação catequética. Em todos os anos temos contado com a presença dos seminaristas scalabrianos que nos prestam este serviço pastoral importante para os nossos rapazes. O sino toca às três horas da tarde de sábado para o início da catequese. Nesta próxima semana vai ser a abertura do ano catequético em toda a diocese. O material vai ser também garantido, para proporcionar um trabalho mais proveitoso e positivo para os catequistas e para os catequizandos. Também um caderno para o efeito e uma esferográfica para os que já sabem escrever e ler. Um embrulho segue ao meio da catequese com o lanche. É o dia da abertura das actividades de formação catequética. Há lugar para todos.

A formação doutrinal é um elemento muito importante na vida de uma pessoa. Os fundamentos sempre garantem as bases necessárias para a sustentação da estrutura que se quer permanecer firme. No edifício humano acontece a mesma coisa. É necessário ter bases. O estudo do catecismo garante a formação sustentada destas bases sólidas para a vida espiritual vivida com convicção.

Continua na página 4

NOVOS ASSINANTES

«Olá. Chamo-me Benjamim e gostava de assinar o Jornal... Tenho 10 anos e comecei a ler o Jornal porque a minha avó também o assinou e eu gostei do que diziam as notícias...»

Com este novo assinante, O GAIATO renova-se. Quantos mais desta idade se tivessem oportunidade de o ler...?

Os Rapazes da Administração

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

PAI AMÉRICO — Esta edição do nosso jornal *O Gaiato* tem data de 23 de Outubro, o que coincide com a celebração do 134.º aniversário do nascimento do nosso Pai Américo, que veio à luz em 1887, na Casa do Bairro (de Baixo), freguesia de Galegos, concelho de Penafiel. Foi sua mãe Teresa Ferreira Rodrigues, da Casa de Antelagar (Paço de Sousa), e seu pai Ramiro Monteiro de Aguiar, da Casa do Bairro (Galegos). Recebeu o Baptismo com o nome de *Américo*, na igreja paroquial do Salvador de Galegos, Diocese do Porto, pelo Padre António da Rocha Reis, em homenagem ao Bispo do Porto, Cardeal D. Américo. Foi o filho mais novo, de oito irmãos — Padre José, Joaquim, Maria, Jaime, João, António e Zeferino. Na Eucaristia que celebrámos, lembrámos este feliz aniversário, todos os seus familiares, membros da Obra da Rua e amigos. Querido Pai Américo, muitos parabéns! E no Céu olha por nós, teus filhos, do coração!

CAMPANHA DE ASSINANTES D'O GAIATO — Com a entrada recente de novos Párcos na Lousã (Padre António) e em S. Julião da Figueira da Foz (Padre Orlando), a quem desejamos felicidades, irão surgir oportunidades de anunciar a Boa Nova que o nosso jornal traz, e cativar mais leitores amigos.

ESCOLAS E ESTUDO — Como o ensino presencial foi retomado, diariamente os Rapazes pequenos e médios são transportados de carrinha para as várias Escolas; e à tarde vão-se buscar todos, incluindo os mais crescidos. Essas viagens acarretam mais despesas mensais. De tarde, estudámos no nosso Centro de estudo, fazemos algumas tarefas, jogámos futebol e *matrecos*, e

brincámos (no parque, *esconde-esconde*, etc.). Os Rapazes - estudantes têm de aproveitar cada oportunidade escolar desde o início e ter bom comportamento, para haver sucesso escolar e mais ainda: *fazer de cada Rapaz um homem*, como desejou o nosso Pai Américo.

ARRANJOS — Continuou-se uma obra na entrada do nosso barraco, que tem servido para armazenar alfaías, lenha e palha, e ainda dá entrada para o redil dos ovinos. Assim, foram levantadas paredes de tijolo e rebocadas, para ser colocado quando for possível um portão grande, que foi encomendado em Góis.

AGROPECUÁRIA — Na primeira quinzena de Outubro, houve dias quentes. Nos terrenos do *campinho* e da *terra nova*, continuou-se a colheita de boas espigas de milho-grão, que depois foram sendo guardadas no nosso celeiro. Temos verificado nos nossos olivais que está próxima a apanha das azeitonas, pois têm amadurecido bem e vão caindo. Foi carregado mais outro camiã com fardos de palha, de aveia, cujo transporte seguiu para a Casa do Gaiato de Setúbal. Na feira de Miranda de Corvo, fomos comprar três centos de couves tronchudas, que depois foram plantadas na nossa horta, regadas e adubadas. Ainda fomos comprar mais de quatro centos de alfaces e foram plantadas na nossa estufa, nova. Do pomar, temos colhido muitos e bons diospiros, para as nossas refeições

CONTACTOS — Na inscrição de novos leitores do jornal *O Gaiato* e mais assuntos, os nossos contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; telef. — 239 532 125; correio electrónico — gaiatomiranda@gmail.com IBAN - PT50 0035 0468 00005577330 18; NIF — 500 788 898.

Rapazes de Miranda

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

13º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO E 134 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO — No próximo dia 23 de Outubro, Sábado, iremos comemorar na nossa sede o 13º Aniversário da Associação, bem como lembrar a efeméride dos 134 Anos do nascimento do nosso VENERÁVEL Pai Américo. Haverá lugar a uma merenda partilhada, pelo que desde já convidamos a estarem presentes a partir das 15.00 horas, trazendo algo para partilhar, naquele espírito de “trás do que é teu e partilha com todos” para deste modo se ambientar a Festa e na partilha do “Bolo de Aniversário” que a Associação oferece, cantarmos os Parabéns à Associação e rezarmos a Pai Américo.

Aparece, não esquecendo as regras profiláticas que é sempre bom manter como precaução.

REUNIÃO/APRESENTAÇÃO NA SEDE (5 de Outubro) — Conforme divulgamos em convite formal aos Associados pela nossa página do Facebook “Nova Associação Gaiatos” para estarem presentes na Reunião Ordinária do passado dia 5 de Outubro (Feriado da Implantação da República) a convite da Direcção.

Demos início pelas 15.30 horas com os Associados presentes, desta feita numa Apresentação “power point” partilhada em ecrã para que todos pudessem visionar os diversos temas em discussão. Conselho Fiscal e Tesoureiro informaram e divulgaram a posição contabilística actual, dando a conhecer pormenorizadamente as despesas à data e valor em caixa para os próximos tempos, que suportem as despesas inerentes duma Associação.

De seguida elogiou-se o que nos pareceu bom desempenho com um novo software “multifuncional” que um Associado cedeu e do qual

se espera agora evolução logística e contabilística, mais prática e funcional. O tema “Pagamento das cotas” também esteve em debate e com diversos Associados a regularizarem a sua situação do ano decorrente, tendo sido realçado e chamado a atenção uma vez mais, para a “Actualização” da ficha de sócio de cada um, que deve ser requisitada e após preenchida, devolvida por CTT ou presencialmente na sede, para assim procedermos, inclusive, à concretização do “Cartão de Sócio” que queremos cada Associado seja portador com cota em dia, dando para isso permissão do tratamento dos seus dados para este fim, ao abrigo dos termos do Regulamento Geral de Protecção de

Dados (RGPD) em vigor. O presidente José Miguel Rodrigues prometeu dar o seu contributo, como responsável no arquivamento e verificação em geral. Contamos pois, com a importante colaboração de todos. Após solicitar e preencher a “Ficha de sócio” — como novo sócio ou para Actualização de ficheiros dos que já são sócios — esta deve ser devolvida com foto por carta para: Rua de Franco, 174 (Antigo edifício dos CTT) 4560-382 Paço de Sousa. Se pretender também recepcionarmos pela forma digital, pelo email: associacaogaiatosnorte20@gmail.com com ou ainda através do Messenger na nossa página do Facebook: Nova Associação Gaiatos.

Elísio Humberto

BEIRE – Flash's

Os mistérios do Estar-Com...

1. Podia ser S. Paulo a falar-me... Vinha feliz. Tinha saído a almoçar *vegan*, pela 1.ª vez, com aquela mãe e um dos filhos — aficionado dessa coisa. Em tempos que já lá vão, ora com ela ora sem ela e mais com os meus, ele deixou por cá rastros que *só a tumba os leva...* Doces memórias do coração! Eu, feliz, porque um e outro estão bem. Transpiram gosto de viver. Ele lá por longe — lutador, *bem lançado na vida*. Ela por cá, com seu marido que — *já não está muito para estas coisas, mas também te quer ver...* Aquilo foi mesmo só para nos vermos e recordar *bons velhos tempos*. E dizermo-nos que esta nossa *porção de tempo*, ainda comum aos três, vivenciada assim naquela *porçãozinha de espaço*, que também nos foi comum — naquela hora e naquele restaurante *vegan*, — dizermo-nos que *isto* também ainda está a ser *muntabom...* Deus louvado! Gosto de gente positiva, de coração agradecido à vida. Ela andará pelos 70 e muuuitos; ele já saltou os 57 anos. Que bom *descongelar* velhas experiências e, assim juntinhos numa mesa de restaurante, vivenciar outras experiências, novas. A espirrar alegria de viver, sem pressa nenhuma de morrer, porque *todos vamos ter muito tempo para estar mortos...*

Cheguei ao Calvário. O Nána, naquele seu passo mais que lento (*bom para ir buscar a morte...*), abriu o portão e ficou à espera que eu entrasse para voltar a fechá-lo outra vez, com o mesmo sem pressa nenhuma, que *não passa nada...* Passo o portão e, na minha frente, aquele quadro habitual: — a Isabel, voltada para o portão, com sua cara de *estou zangada*,

Continua na página 3

PAÇO DE SOUSA

POMAR — Para além dos animais que já tínhamos a habitar no nosso pomar, temos agora outros que nos foram oferecidos. Foram perus e peruas, gansos e patos e galinhas. Agora só temos uma ovelha que está mal acompanhada porque as outras foram mortas por cães vadios. Quem continua responsável por estes animais é o «Guga», que continua a fazer um bom trabalho.

ESTÁTUA — A família do nosso falecido António Fernandes, mais conhecido por António «Carpinteiro», ofereceu-nos uma estátua em madeira do nosso Pai Américo, por ele feita há muitos anos, que ficará exposta no nosso Memorial / Museu. Ele tinha uma grande devoção pelo Pai Américo e pela Obra da Rua, e era um grande artista no trabalho com madeiras. Fez muitos trabalhos na nossa Casa de Paço de Sousa nos últimos anos da sua vida, como o tecto da nossa Capela, a renovação da casa-mãe, da casa 3 e casa 4 e do bar. Agradecemos muito à família este gesto de amizade por Pai Américo e pela nossa Obra.

CÂNTICOS — Como é habitual, os nossos cantores do grupo dos cânticos da Missa, têm ensaiado aos Sábados de manhã os cânticos que são necessários para a Eucaristia dos Domingos. Os rapazes que tocam guitarra são o Júnior e o Joel, no órgão é o Alziro e no batuque é o Nico «Zidane». Na forma que vão tocando vão cantando, e alguns dos nossos rapazes vão acompanhando os cânticos.

PADRE ALFREDO — O sr. Padre Alfredo viajou para Angola, para substituir o sr. Padre Rafael, que está prestes a vir a Portugal continuar o seu tratamento em con-

Agostinho Coelho

Adormeceu no Senhor, após sofrimento, o nosso colega Agostinho Coelho, mais conhecido entre nós por «Agostinho sapateiro». Este apelido veio-lhe por ter sido a sua primeira profissão cá em Casa. Tinha 85 anos.

Conheci-o na década de 50. Nos primeiros anos, com a convivência da rapaziada fez muitos amigos. Tempos passados emigrou para a Alemanha. Aqui se fixou longos anos, casando e constituindo família. Aparecia sempre que vinha de férias, “matando” saudades!

Com o tempo passando, chegou à reforma e regressou a Portugal, à sua aldeia de Paço de Sousa. Cá, comprou uma casinha e ia vivendo com sua esposa, já que os filhos continuaram na Alemanha, aonde tinham a sua vida montada.

De longe a longe, lá ia passar uma temporada. Foi numa dessas idas que a doença lhe bateu à porta, terminando assim os seus dias...

Há emoções que as palavras não sabem traduzir... A misericórdia do Senhor não tem fim...

Que descanse em Paz.

Manuel Pinto

Mais um dos nossos irmãos que partiu. Agostinho Coelho, mais conhecido por “Reco-Checo”. Não resistiu à doença silenciosa e sofrida



sequência do acidente que teve. A viagem correu-lhe bem, graças a Deus, Está a contar também ir conhecer o nosso Padre Quim e a Casa do Gaiato de Benguela. Desejamos que tudo lhe corra bem.

ÁRVORES — Veio cá um grupo de pessoas especialistas de poda e corte de árvores, para podarem algumas das nossas árvores que ficam junto das ruas da nossa Aldeia. Como alguns ramos mais baixos dificultavam a passagem de camiões, foi necessário podar esses ramos, tendo ficado mais bonitas e arejadas as árvores que foram podadas.

Fausto Casimiro



que, depois de um tempo hospitalizado, o vitimou. Deu entrada nesta Casa de Paço de Sousa nos anos 40. Hoje, junto do seu e nosso querido Pai Américo; gaiatos, senhoras e padres que, por esta Casa passaram ao serviço da maravilhosa Obra de Deus e dos homens, a “Obra da Rua”.

Passou como todos os seus irmãos mais novos por todas as obrigações que lhe foram atribuídas. Depois da instrução primária, como aprendiz, escolhe a arte de sapateiro na Casa de Paço de Sousa. Mais tarde, por ausência do seu mestre, assumiu a chefia da sapataria como profissional competente reconhecido. Tarefa que nem sempre é bem aceite nem compreendida pelos seus novos “gaiatos” aprendizes.

A seu tempo emigrou para Alemanha para enfrentar os novos desafios; profissionais e familiares. A sua presença connosco e demais gaiatos ao domingo era o participar na Eucaristia como bom praticante



PÃO DE VIDA

Do Venerável Padre Américo
Última viagem

No horizonte

O Padre Américo manifestou-se claramente como um cristão ímpar, apaixonado por Jesus Cristo e amigo dos pobres, para bem da Igreja Católica e de Portugal contemporâneo. Em espírito de pobreza, seguiu S. Francisco de Assis. Ao seu jeito peculiar, viveu na linha dos exemplos de grandes santos mais dedicados aos Pobres, como S. João de Deus, S. Vicente de Paulo, Beato Antoine-Frédéric Ozanam [1813†1853] e S. João Bosco. Desde a sua infância à idade adulta, ao longo da sua vida profissional e depois na sua vida sacerdotal, de serviço por inteiro aos Pobres, para comer o pão com o suor do seu rosto e distribuir aos famintos, percorreu várias terras, em alguns Continentes, não guardando o tesouro escondido nos campos e mares por onde passou e sulcou. Sendo Presbítero para servir a Igreja e o mundo, em especial os mais caídos, deu de comer sem medida e cuidou dos pobres e enfermos, como Jesus mandou. A sua pena certa resumiu assim a vida cristã: *Da Cruz para cá*, viver é amar [Pão dos Pobres, I, 1941, p.91].

Ao aproximar-se dos seus irmãos — pessoas com rostos de

miséria, desfiguradas, como crianças, velhinhos, enfermos, pobres e reclusos — o Padre Américo não se limitou a denunciar situações injustas, com retórica de palavras, não atirando pedras. Então, em comunhão com os mais pobres e desafiando à partilha, foi um Padre sem medo, ao serviço da vida humana, como se verifica: *Senhora de Lisboa, cujo nome não conheço: - aquele enxoval rico e pequenino para um recém-nascido, no qual diz haver posto toda a sua devoção, esse enxoval, trazia dentro de si o fermento de uma vida nova, coube a uma meretriz, doente no hospital, em vésperas de ser mãe. Tomou-o nas mãos, apertou-o ao coração num ai que é para o meu filhinho e escondeu-o na cama, muito contente, afagando esperanças... ela, a pobrezita, a quem a mercancia do lupanar não derrancou ainda a maior glória da mulher* [Pão dos Pobres, I, 1941, p. 210]. Sendo *recoveiro dos pobres*, foi agindo em horas certas, como mais esta de aflição: *O amor do pobre pela sorte dos Pobres toca as raias da santidade. Um dia, vi-me nas ruas da Baixa* [de Coimbra], *aflito, com um recém-nascido nas mãos. Logo acode uma viúva com sete filhos, um de peito, que perdera ontem o seu*

marido. — Oh mulher, você não pode! — Posso, que tenho dois peitos! [Pão dos Pobres, III, Coimbra, 1943, p. 33].

Da sua grande tarimba, em matéria social, entre outros, vale a pena reter este conselho pragmático: *Esteve aqui há dias um Sacerdote, a quem o seu Bispo incumbiu de assistir um grande e importante asilo, algures. Assistente religioso. Observou. Compreendeu. — Mas eu não posso fazer assim. — Porquê? — Por causa da Mesa. Dei-lhe um conselho: olhe, deixe a Mesa. Arranje uma toca e meta-se nela. Chame rapazes da rua. Viva com eles e faça milagres. Pronto* [O Gaiato, n. 125, 11 Dez. 1948].

Na sua meta em vista, tinha uma certeza cristã: *Há um segredo divino no meu palmilhar de cada dia, que me não deixa cair no chão: Eu desejo encontrar na Eternidade, sentados à direita do Pai Celeste, todos aqueles garotos que me passam pela mão* [Pão dos Pobres, II, Coimbra, 1942, p.138]. Como a santidade é um chamamento universal, viveu na certeza da vocação de todo o ser humano: *O santo é aquele que vive na sua vida a vida de Deus* [O Gaiato,

Continua na página 4

BEIRE – Flash's

Continuação da página 2

de costas para o mundo. Está sentada naquele banco-jardim, redondo, em granito de propianho, tão a gosto de P.e Baptista — a onnipresença deste Calvário. Sentados no mesmo banco, que rodeia um velho bucho¹ semi arbóreo, de costas para mim que entrava, era o Sr X, ao lado de um familiar que, volta e meia, vejo que vem visitá-lo. Ele sofre de *alzheimer*, cada vez mais acentuado. Há momentos em que... e momentos em que não... Dizem que o alemão é assim!... *Coitados dos doentes e coitados de quem tem de os cuidar!*...

Entrando devagarinho, ao som do saltar das bolotas debaixo das rodas do carro, dou comigo a viajar por esses intrincados mundos do mistério da dor e do amor entre

nós humanos — *homens por Deus amados* (Lc 2, 14). E foi aqui o click: — *O que é que um familiar encontra num irmão que... Com doença de alzheimer, às vezes não sabe nada nem conhece ninguém. Vive noutra!...* Foi aí que ‘ouvi’ a voz de S. Paulo — *per visibilia, ad invisibilia Dei!*² Ver, com os “olhos da Fé”, as “invisíveis coisas de Deus”, escondidas nas corriqueiras coisas que toda a gente vê.

2. (Caindo!...) aprendeu a falar outra língua... Guiado por Paulo, aquela ameaça vinda de Tarso, fui arrumar o carro com esta na cabeça — vou falar com a senhora, a ver se ela me ajuda a entender aquele *estar* ali *com* o Sr. X, sem falarem. Só para *Estar-Com* — ele *com* ela e ela *com* ele... Os dois calados. Assim, à espera d'O Que não se sabe se virá...

Lembrado do poema de V. Sartir que tantas vezes vos refiro (*Saber 'estar com'...*), arrumei o carro e fui ter com eles. Brincando, perguntei ao Sr. X se podia roubar-lhe a irmã *só por um bocadinho*... Como quem entendeu muito bem o meu pedido, sorriu e disse que sim. Ela sorriu também, levantou-se e fomos os dois conversando. — *Somos uma data de irmãos. Só três, das raparigas, é que o vêm ver. Mas há tempos ele disse-me que um irmão veio cá. E disse o nome dos outros. Disse-me muito obrigado por eu vir, porque gosta de ter visitas... É assim — a gente nunca sabe, mas ele fica contente. Às vezes, vamos por aí abaixo, calados, eu vou comendo e vou-lhe*

dando bocadinhos de uma bolacha sem sal, para passar o tempo. E às vezes até saem coisas que é bom recordar. Penso: oh, como o amor é sábio!!!

Volto a S. Paulo. Cheio de certezas e de autoridade, falava ódio e perseguição contra aquela seita que apareceu no seio do judaísmo — de que era um devoto fanático... Cai abaixo do seu orgulho e de suas certezas. Começa a busca. Encontra. Já fala outra língua. Mas continua a buscar, até ao já não sou eu que vivo. É Cristo que vive em mim (Gl 2,20).

Sinto ser este o caminho para quem pretenda entender *ISTO* d'O Calvário. É uma palavra tirada do Evangelho. Não dá para entender a outra luz.

3. É proibida a entrada a... Às vezes acaço-me a imaginar uma coisa bonita, ali à entrada do nosso portão, com este aviso — *proibida a entrada a pessoas perfeitas...* Detesto o *já sei, já sei...* Aqui é uma escola só para quem *se sinta em processo* de apreender... para poder *aprender*. Senão vira pesada sogra russa — *sóstorva...*

1 — Da família da *murta*, o bucho é um arbusto arbóreo que, no dizer de meu pai, “é a madeira mais dura”... Talvez por isso, era usada para fazer o *esguicho* das pipas do vinho de gasto...

2 — É engraçado: a minha *língua materna*, nestas coisas, é o latim... Foi com ele que eu comeci a elaborar o conceito de que as coisas que todos vemos, para o crente, são o símbolo das invisíveis *coisas de Deus*. E que jeito isso me tem feito ao longo da minha vida!

Um admirador

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

INDIVÍDUOS “POR DEFEITO” — Numa reunião há dias das Conferências Vicentinas da nossa zona foram apresentados vários casos de pessoas idosas que vivem em condições indignas que são muito difíceis de mudar. É o caso de alguém que vive numa casa cheia de buracos, mas que não permite que sejam feitas as reparações que são necessárias. É o outro caso de quem vive sozinho, numa habitação toda suja, agora já sem saúde, nem cabeça para cuidar de si próprio, mas que resiste a encontrar-se uma solução para se lhe prestar os cuidados diários de que precisa. E outros casos do género.

Já por cá tivemos idosos assim, mas também temos agora pessoas doutras idades em situações que têm algumas características parecidas com as das anteriores.

Muitas vezes estas pessoas têm por companhia animais (cães, gatos, galinhas) com os quais chegam a partilhar a mesma habitação.

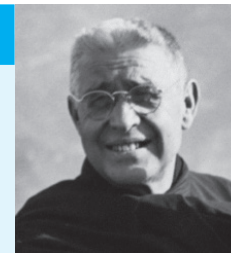
Numa sociedade que é cada vez mais individualista, pessoas nestas condições fazem parte do grupo que o sociólogo francês Robert Castel designou como sendo “indivíduos por defeito”. São pessoas muito fragilizadas nas suas capacidades para serem autónomas e terem uma vida condigna: perderam o emprego e não conseguem arranjar um novo trabalho remunerado, ou já não têm capacidade para trabalhar; têm traumas profundos de vidas passadas que lhes perturbam a saúde mental; ou outras razões. Além disso, estão fora, ou estão mal cobertas pelos mecanismos da Segurança Social e as suas redes de “sociabilidade primária” (família, amigos, vizinhos) ou não existem, ou funcionam mal.

Em casos como os que atrás referidos, atitudes de impotência, desistência, ou indiferença por parte dos Vicentinos e do resto da sociedade não devem acontecer. O muito pouco que se possa fazer para ajudar este tipo de pessoas pode fazer uma grande diferença para mudar a vida delas para melhor. Pode ser o Vicentino a pessoa que liga para o 112 e assim ajuda salvar a vida dessas pessoas numa situação de emergência. Pode ser o Vicentino que, com perseverança, lá consegue que um dia se limpe a casa dessas pessoas de todo o lixo que lá se foi acumulando. Pode ser o Vicentino que ajuda a encontrar uma habitação condigna para essas pessoas e as convença a mudarem para lá. Pode ser o Vicentino que ajuda a encontrar-se uma instituição que acolha essas pessoas quando elas já perderam a sua autonomia.

Nunca podemos desistir do dever de ajudarmos o nosso próximo, especialmente o que mais precisa da nossa ajuda.

Américo Mendes

DOUTRINA

Se as bagatelas levantam almas,
de que serve o monumental?!

ERA um grupo de senhores, algures. Falava-se d'O Gaiato e de «Um caso» que lá vinha. Cada um contava a seu modo as impressões que colhera na leitura do mesmo quando alguém levanta a voz e exclama: «Não posso ler o jornal! Não quero ler O Gaiato! Tenho medo de me tornar bom!»

Este senhor que eu não conheço, é bom; mas quer ser melhor. Aquele seu «não quero» e «não posso» é maneira de afirmar. Quer. Pode. É leitor de ponta a ponta. Ouve-se dizer que as ocasiões fazem o homem. Não fazem, mas revelam-no.

O ponto mais fraco que o homem tem, é desconhecer-se. Andamos uma vida inteira por casas estranhas à cata de quem nos diga o que somos e até, para maior desgraça, vamos buscar segredos às chamadas pessoas de virtude! Mas as avisadas não; essas sabem que nós «somos pouco menos do que os anjos». Nesta certeza repousam, por ser uma verdade eterna — e vivem.

Sim. «Pouco menos do que os anjos.» Quantos senhores de categoria, como o que hoje apresento, não se terão encontrado a si mesmos na leitura dos episódios que O Gaiato costuma trazer — quantos! Eram enigmas. Andavam perdidos no mundo, fugidos de si, a pedir chuva de fogo, como outrora os discípulos ao Mestre — e agora não! A ocasião da leitura, revelou-os. Acharam-se. Começam a saber de que espírito são: *Paulo minus ab angelis*.

Senhor dos Céus; se as bagatelas levantam almas, de que serve o monumental?

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, pp 89-90



SEDE DO EDITOR: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 13200

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

religioso. Também, relembrar o seu passado nesta Casa que o criou como homem de bem e de verdade.

A morte entra em casa como um ladrão. Sem se saber a hora nem como, nem onde, nem de que modo. Pensemos!...

Quis o Senhor, nesta hora e dia 02 de Outubro de 2021, levá-lo para junto dos seus irmãos que, no Céu, já gozam a paz e a Glória de Deus.

A Obra da Rua perdeu mais um filho gaiato e associa-se aos seus familiares próximos nas suas condolências.

Paz à sua alma!

Júlio da Silva

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Os pobres em Portugal vivem numa ruptura eminente de habitação.

Há muito que não se erguem ou reparam casas de renda económica neste País.

Os chamados bairros sociais vão-se degradando de dia para dia, de tal forma que há muitas casas com portas sem dobradiças, canos rotos, degraus de escadas partidos, chão esburacado e nalgumas até as portas interiores desapareceram, paredes sujas, electricidade avariada. Casas com número grande de problemas que urge corrigir. Há mais de quarenta anos que foram construídas e nunca se lhes deu sequer uma ligeira reparação.

Agora fui chamado a casa de uma viúva com cinco filhos, todos menores. O ambiente do bairro é assustador.

Enquanto a pobre viúva esteve no hospital, partiram-lhe, à pedrada, num primeiro andar, os vidros das quatro janelas, duas das quais eram de vidro duplo. Já lhos paguei e ela já as levou para as assentar; duas delas ainda demoram.

Como o aglomerado das casas se situa exposto à aragem do mar, os ferros dos degraus das escadas e dos pilares começam a estalar o cimento, a ferrugem a comê-los e estes a perderem a consistência que deviam dar aos degraus e às habitações.

Não sei a quem está atribuída a responsabilidade da conservação. O que conheço é a necessidade dela.

E como se poderá baixar o preço do arrendamento das moradias se o Estado não levar rapidamente por diante a construção de mais casas?

É urgente que se construam mais casas. Se a cidade de Setúbal tem um deficit de seis mil fogos, o que não acontecerá noutras cidades?

Se o Estado não abre a bolsa para cumprir a Constituição que manda **atribuir a cada família portuguesa uma casa**, como poderá manter-se uma situação destas?

Senão, vejamos. Com a pandemia, muitas famílias diminuíram o rendimento do seu trabalho e as rendas ficaram para trás. Como pode uma família monoparental, ganhando o ordenado mínimo, pagar uma renda, mesmo só de 400€/mês? Como? E quantas há por aí, mil? Mais mil? Como poderão viver?

E não é o Estado quem favorece, pelo exemplo de alguns, e pela fragilidade a que o ambiente cultural chegou, que favorece todo este deboche a que os costumes chegaram?

Numa destas noites, já depois do jantar, duas mulheres bateram à porta a pedir audiência. Uma vinha trazer a outra e, ambas en-

traram com a sua criança ao colo para falarem comigo, cada uma com a sua criança.

Qual a sua aflição? Qual seria? — O meu leitor já adivinhou. Era a renda da casa.

Os senhorios não perdoam. Podem esperar até certo tempo, porque este não pára. Os meses vêm logo a seguir aos outros.

Aflita, separada do marido. As duas crianças são dela. A mesma trabalha no hipermercado a ganhar o ordenado mínimo.

Como poderá ela resgatar os dois meses que ficaram atrasados durante a pandemia?

Como, senhores governantes? Como? — Se não têm onde cair mortas.

Não haverá para ela e para tantas como esta senhora uns restinhos de euros da Europa? Os pobres não têm direito a nada?

As senhoras vinham acompanhadas pela D. Conceição, que as tinha atendido ao telefone e mas tinha recomendado. O seu coração sensível aos pobres não a deixa sossegar, sobretudo, depois de ouvir estes queixumes tão sofridos.

Também sentiu a mesma coisa que eu, sofrendo com quem sofre.

Pedi-lhe que fosse buscar o livro dos cheques ao escritório e passei-lhe para um mês, 400€. Precisava de dois, ou melhor, do dobro. Mas, quando viu na sua mão este valor, arrasaram-se-lhe os olhos de alegria e começou a abrir o seu coração:

— *Nunca pensei que existisse gente capaz disto.*

— *Oh, minha senhora! Damos o que Deus nos dá. Eu não lhe dou nada. Quem se encontra consigo e se condói é o Senhor! É por Ele que este dinheiro me vem parar às mãos! Não é por mim, nem sou eu que o dou, mas Ele.*

A conversa prolongou-se pela noite dentro e elas estavam tão atraídas que nem a rabugice das crianças as impedia de gozar a doçura deste momento.

Se elas assim se deleitam, quanto mais o Pai do Céu gozará desta doçura dada aos pobres.

As casas são o meu continuado grito de dor.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Ai que se os senhores do mundo soubessem que estão postos nele com suas riquezas para acudir às multidões que razoavelmente pedem o pão de cada dia, como eles também, por sua vez, o devem pedir e agradecer a Deus; e se o distribuíssem como fez o Mestre aos ouvintes da Montanha (*religiosamente*, olhando para o céu; *respeitosamente*, mandando sentar; *economicamente*, aproveitando as sobras); se todos os herdeiros da fortuna assim fizessem — tudo havia de chegar para todos; e, em vez da solidariedade que separa classes e interesses haveria a Caridade que junta corações.

PAI AMÉRICO, *Pão dos Pobres*, 1.º vol, pp 332-333.

BENGUELA – VINDE VER!

Continuação da página 1

Os nossos «Batatinhas» vão acompanhados pelos seus catequistas — é o catecismo da iniciação cristã. É a preparação para o sacramento do baptismo. Primeiro o baptismo. Ele é a porta que se abre para o interior da assembleia dos filhos de Deus. Todos pelo mesmo baptismo. Pela mesma graça do baptismo. E pelo baptismo todos irmãos. Todos unidos pela mesma fé, pelo mesmo Espírito Santo. O dia do baptismo é um momento especial, marcado pelo nascimento de uma vida nova sem mácula, sem pecado. Depois segue o sacramento da Sagrada Comunhão. A mesa posta e a refeição, qual banquete preparado. Um Deus apaixonado, posto em minhas mãos para dar como alimento aos meus irmãos. É a fraternidade. É a família que se junta para comer a Páscoa juntos.

Seguem também bem acompanhados os adolescentes preparando-se para o Santo Crisma. A confirmação já bem perto da entrada para os pré-jovens. O sacramento da Penitência é frequentado quantas vezes forem necessárias. Normalmente é um padre confessor que vem ter com a comunidade. Os maiores já em fase quase de “finalista” do catecismo são os mais difíceis para a catequese. Julgando que

depois do Crisma não há mais nada para receber do catecismo. É um engano. Que tremendo engano jovem. Há sempre muito mais para aprender sobre a nossa Doutrina Cristã. Deus é infinito e o conhecimento a seu respeito é sempre insuficiente. Neste ano para corrigir esta tendência de os grandes virem a abandonar a catequese teremos também formação juvenil. E se ainda assim não se sentirem animados para frequentar as sessões catequéticas iremos à paróquia para serem enquadrados em grupos e movimentos de apostolado juvenil. Deus é bom. Sobre esta certeza não deve restar dúvidas. A conclusão é de Pai Américo “É pelas obras da Caridade que os homens conhecem e se apercebem da existência de Deus. Caridade que não seja uma palavra vã, nem seja uma caricatura, muito menos uma pintura. Muito menos, ainda, a maneira como o mundo mentiroso costuma aplicá-la e apresentá-la” — estas palavras foram proferidas em Lisboa (Tivoli) pelo Pe. Américo Monteiro de Aguiar, em junho de 1956, um mês antes da sua morte. Numa célebre peregrinação de 13 de Maio, no Santuário de Fátima, disse aos milhares de peregrinos que ali acorreram que “eu não sei viver mais nada, eu não sei dizer mais nada, eu não sei sentir mais nada, senão somente o pobre e este crucificado...” (In: Ramos, José da Rocha; «Padre Américo — Místico do nosso tempo»).

Padre Quim

SINAIS

No dia 07 pp, ocorreu os 100 anos do nascimento do Eng.º Braz de Oliveira. Seu filho João Braz de Oliveira e um grupo da Ordem dos Engenheiros fizeram-lhe uma homenagem justa e oportuna. Tive a dita de conviver com ele na barragem do Picote e, em Angola, na barragem de Cambambe, onde foi Engenheiro Responsável.

Em Picote, com a crise de trabalho, todos os dias operários a pedirem colocação. Nunca negava. Havia sempre um burquinho. Homem bom e grande amigo dos operários.

Fiquei feliz ao tomar conhecimento da justa homenagem.

Em Cambambe, ajudou-me a construir uma Aldeia, para um grupo de leprosos, no fundo de uma linda montanha. No centro da pequena Aldeia, um tanque com uma torneira de água, canalizada da montanha.

Quando os doentes chegaram à sua nova morada — de lágrimas a sua alegria. O Fernando, ceguinho, foi ao tanque, guiaram a sua mão até à torneira da água, ele abriu, bebeu e chorou.

Viveram na Aldeia alguns anos com alegria. Ali eu os visitava.

Aconteceu que uma empresa russa começou a fazer prospecções na montanha. Estrondos de dinamite nas encostas. A água fugiu. Lágrimas de dor e de saudade! Os russos foram embora indiferentes à dor dos doentes...

No momento, eu estava em Portugal...

Os doentes, um a um, foram para a sua antiga aldeia de cubatas a pau e capim! Foi.

Padre Telmo

PÃO DE VIDA

Continuação da página 3

n. 86, 14 Jun. 1947]. Viveu dilacerado pelas dores dos Pobres, mas foi feliz — bem-aventurado — no Caminho e serviço cristão a que foi chamado pelo Bom Pastor, conforme escreveu: *Desde Julho do ano de 1929, em que me tornei sacerdote, nunca mais deixei de frequentar o quinhão que Deus me destinou pela Sua misericórdia* [O Gaiato, n. 190, 9 Junho 1951].

Logo após a sua morte, o Padre Eurico Dias Nogueira [1923†2014], da Diocese de Coimbra, mais tarde Arcebispo de Braga [1977†1999], sem antecipar o juízo da Santa Igreja, escreveu, em Coimbra, a 23 de Julho de 1956, no 7.º dia da morte do Apóstolo da Rua: [...] *é certo que se ele, depois de quarenta anos de vida agitada e dissipada, conseguiu ser um homem bom, foi porque era sacerdote e era santo* [Novidades, n. 19.989, 25 Julho 1956 O Gaiato, n. 325, 18 Ag. 1956]. A Conferência Episcopal Portuguesa, pelo centenário do seu nascimento [em 1987], afirmou com justeza que *a História da Igreja entre nós, neste século, não se poderá fazer sem lhe reconhecer lugar de primeiro plano* [Lumen, Lx.ª Jan.1987, p.4]. Confessando-se *pecador de sete vezes ao dia*, também foi exemplo de algumas *virtudes*, já confirmadas pela Igreja Católica. Na verdade, Padre Américo foi-se cumprindo na sua vida terrena, porque foi fiel ao mandato de Jesus: *Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando* [Jo 15, 14]. Como o bom samaritano, mostrou claramente que *a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro* [Papa Francisco — L'Osservatore Romano, ed. port., 4 Maio 2017].

Sendo a *História mestra da vida* [magistra vitae — Cícero, De Oratore, 2, 36] e redimindo-nos do *purgatório* do esquecimento, verifica-se que a vida do Padre Américo Monteiro de Aguiar [1887†1956], com raízes profundas em torrões de evangelização beneditina, de forma eloquente, faz jus a um sábio pensamento de um monge beneditino, escrito [em 1658] no *Livro de Óbitos dos Monges que faleceram neste Mosteiro de S. Salvador de Paço de Sousa (1625-1826)* [Bibl. Púb. Mun. Porto, ms.173, fl. 27 v.º]: *Não desejarem os mortos serem louvados depois da sua morte, sendo só assim de servirem suas vidas de consolação e exemplo aos vivos*.

É de realçar a forma inequívoca como Padre Américo afirmou a sua fidelidade à Igreja, em muitos escritos, com afirmações claríssimas, v.g.: *Sou da Santa Madre Igreja Católica, aonde espero morrer* [O Gaiato, n. 81, 5 Abril 1947]. Pouco antes da sua partida deste mundo, escreveu assim: *Admiremos a Igreja. Alegremo-nos com a Santa Madre Igreja, como é chamada desde os primórdios. Quem é que prende? Quem dá volúpia? Quem afeição? Só Cristo Jesus e a sua Fundação. Que ninguém, pois, se enamore e exalte «a sua obra». Falar, sim; amar, viver a Igreja. Ela é o resumo* [O Gaiato, n. 322, 30 Junho 1956].

O Padre Américo — *Pai Américo* é um exemplo eclesial vivo e relevante nas causas da Justiça e do Amor — como que *doutor amoris causa* [Notas da Quinzena, Paço de Sousa, 1986, p.187], pelo seu amor a Deus e serviço muito dedicado aos Pobres. Assim, seja-nos permitido pedir a Deus que não venha longe o dia da sua glorificação canónica, isto é, a sua *Beatificação*...

Padre Manuel Mendes